

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Centro de Letras e Comunicação
Bacharelado em Letras – Redação e Revisão de Textos



Trabalho de Conclusão de Curso

**A personagem Devi e as relações de poder nas obras *The Name of the Wind* e
*The Wise Man's Fear***

Giulianna Carvalho de Castro Sene

Pelotas, 2018

Giulianna Carvalho de Castro Sene

**A personagem Devi e as relações de poder nas obras *The Name of the Wind* e
*The Wise Man's Fear***

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Centro de Letras e
Comunicação da Universidade Federal de
Pelotas, como requisito parcial para
obtenção do título de Bacharel em Letras
– Redação e Revisão de Textos.

Orientadora: Profa. Dra. Renata Kabke Pinheiro

Pelotas, 2018

Giulianna Carvalho de Castro Sene

A personagem Devi e as relações de poder nas obras *The Name of the Wind* e *The Wise Man's Fear*

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado, como requisito parcial, para obtenção do grau de Bacharel em Letras – Redação e Revisão de Textos, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 16 de fevereiro de 2018

Banca examinadora:

.....
Profª. Dra. Renata Kabke Pinheiro (Orientadora)

Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Católica de Pelotas

.....
Profª. Dra. Cleide Inês Wittke

Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

.....
Profª. Dra. Flávia Medianeira de Oliveira

Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Federal de Santa Maria

Dedico este trabalho à minha mãe, meu primeiro e melhor exemplo de independência, poder e força.

Agradecimentos

Agradeço, em primeiro lugar, à minha mãe por tudo o que me proporcionou, pelo apoio e pelo significado que tem em minha vida. Também, aos meus irmãos Fabiano e Gustavo, por todo o compartilhamento, companheirismo e afeto. Vocês dois são, cada um, um terço de mim que mora em outro lugar.

Obrigada por, junto comigo, superarem a distância física e por me incentivarem sempre.

Agradeço à Tamiê, à Franciane e à Letícia por aguentarem firme comigo durante a graduação e me ajudarem a continuar caminhando.

Agradeço, ainda, ao Rodrigo, por todos os “empurrões” ao longo da graduação, pela amizade e por me ter apresentado à Devi.

E, por fim, agradeço à Professora Dra. Renata Kabke Pinheiro, pela paciência, pela orientação sempre cuidadosa e pelas cobranças.

*“Mas não seria terrível? Não seria um horror viver cercada pelo
puro e agudo vazio das coisas apenas suficientes?”*

(ROTHFUSS, 2014, p. 97)

Resumo

SENE, Giulianna C. de C. **A personagem Devi e as relações de poder nas obras *The Name of the Wind* e *The Wise Man's Fear***. 2018. 50f. Monografia (Bacharelado em Letras – Redação e Revisão de Textos) – Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

Este trabalho investiga os discursos relativos às relações de poder que envolvem a personagem Devi nos livros *The Name of the Wind* (2007) e *The Wise Man's Fear* (2009), de Patrick Rothfuss. Para tanto, considera os preceitos da Análise Crítica do Discurso (ACD) e enfoca a Teoria Social do Discurso de Norman Fairclough, utilizando, na prática de análise, o Modelo Tridimensional proposto pelo autor em sua obra *Discurso e mudança social* (2001/2016). O poder de Devi aparece nos livros de Rothfuss relacionado a seu nome, ao aspecto econômico/financeiro em suas relações comerciais e devido à sua inteligência e às suas habilidades em Simpatia, espécie de magia que aparece na história. O intuito deste trabalho é perceber quais discursos permeiam as relações de poder da personagem e do protagonista da história, Kvothe, que ideologias eles reproduzem e reiteram ou contestam. O Modelo Tridimensional de Fairclough analisa a linguagem e os discursos por três aspectos: o discurso como texto, como prática discursiva e como prática social, e, para cada um, ele sugere alguns pontos para praticar a análise. Assim, são colocados sob análise aspectos como o vocabulário, as modalizações, formulações, metáforas, entre outros pontos de análise da forma como são sugeridos pelo autor de *Discurso e mudança social*.

Palavras-chave: discurso; relações de poder; Análise Crítica do Discurso; Modelo Tridimensional de Análise.

Abstract

SENE, Giulianna C. de C. **The character Devi and the power relations in *The Name of the Wind* and *The Wise Man's Fear***. 2018. 50f. Monography (Bachelor degree em Letras – Redação e Revisão de Textos) – Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

This paper investigates the discourses related to the power relations involving the character Devi in the books *The Name of the Wind* (2007) and *The Wise Man's Fear* (2009), of Patrick Rothfuss. For this, it considers the principles of the Critical Discourse Analysis (CDA) and focus the Social Theory of the Discourse of Norman Fairclough, using the Three-dimensional conception proposed by the author in *Discourse and social change* (2001/2016). Devi's power appears in Rothfuss' books linked to her name, to the financial/economic aspect of her commercial relations and due to her intelligence and abilities in Sympathy, type of magic that appears in the history. The purpose of this paper is to outline which discourses are present in the power relations between Devi and Kvothe, the protagonist, which ideologies are reproduced and reaffirmed or contested. The Three-dimensional conception of Fairclough analyses language and discourse on three aspects: the discourse as text, as discursive practice and social practice, and suggests specific points to perform the analysis in each of them. Therefore, aspects as vocabulary, modalization, formulations, metaphores, and other points are used in our analysis as they are suggested by the author of *Discourse and social change*.

Key-words: discourse; power relations; Critical Discourse Analysis; Three-dimensional conception.

Sumário

1 Introdução	10
2 As Obras de Patrick Rothfuss e a Personagem Devi	15
3 Referencial Teórico	19
3.1 A Análise Crítica do Discurso (ACD)	19
3.2 A Teoria Social do Discurso	22
3.3 O Modelo Tridimensional de Análise de Norman Fairclough (2016)	26
3.4 A ACD como contribuição para a prática da revisão de textos.....	30
4 Metodologia.....	32
5 Análises.....	34
6 Considerações Finais.....	42
Referências Bibliográficas.....	44
Obras consultadas	45
Anexo	46

1 Introdução

A análise de um livro – em especial, a obra literária – permite observar e delimitar diversos aspectos da época em que foi escrito, principalmente aqueles relativos às ideologias políticas, ao gênero social, à vida social e às relações de poder. Portanto, uma leitura crítica de obras literárias é sempre útil a título de investigar um momento histórico e sua realidade.

Além disso, é importante lembrar que a literatura pode atuar como um meio de exercer influência sobre os indivíduos, visto que detém o poder de difundir ideias entre quem lê produções literárias por meio do uso de uma linguagem agradável e prazerosa, assim como de ferramentas linguísticas que, muitas vezes, disfarçam os discursos ali presentes. Dessa forma, a literatura é um dos principais meios de disseminação de ideias que apresentam conteúdo ideológico e, por isso, deve ser objeto constante de observação e análise.

No âmbito da Análise Crítica do Discurso (ACD), o texto literário não se qualifica como um fato isolado, mas dentro de um contexto que o determina. Para identificar os aspectos extratextuais (tais como questões sociais presentes na época de escrita da obra que também aparecem na trama, referências culturais dirigidas ao público a que se destina, etc.) que permeiam uma obra, é necessário realizar uma leitura mais profunda. A leitura, nesse sentido, passa a requerer um caráter crítico-criativo que permita não só ler superficialmente, mas refletir e, quando necessário, questionar aquilo que é lido.

Perissé (2004, p. 32) afirma que um leitor, para tornar-se criativo, precisa de uma “superalfabetização”¹ para entender além daquilo que está na superfície das palavras, ou melhor, do texto. É uma maneira de “ler melhor” e “ver melhor”, possibilitando o entendimento do texto, de sua essência. Para Perissé (2004), a possibilidade de romper com os discursos enraizados em uma sociedade surge por meio de uma leitura criativa e crítica dos textos a nós propostos e, em um segundo momento, de nossa realidade social e das estruturas que a compõem, possibilitando

¹Perissé (2004, p. 32) afirma que a alfabetização, como concebida de modo geral, é limitada de certa forma, na medida em que não permite a interpretação do que é lido, o entendimento daquilo que fundamenta texto. A “superalfabetização” seria, assim, essa capacidade de realizar uma leitura além da funcional, uma leitura crítico-criativa.

a reflexão e o exercício da percepção dos discursos que nos cercam e, por vezes, nos limitam.

A ACD, por sua vez, enxerga os discursos como formadores da identidade do sujeito, que terá sua visão do mundo e dos outros determinada pelos discursos aos quais se vincula. Nesse viés, Perissé (2004, p. 101-106) relaciona mais profundamente a identidade do leitor àquilo que ele lê. O indivíduo, na visão do autor, forma sua identidade, suas perspectivas e opiniões através da leitura que ele realiza, das leituras e releituras que ele possui.

As pessoas acostumaram-se a realizar uma leitura automatizada e superficial dos textos e do mundo que as cerca. Isso ocorre porque o cotidiano parece exigir velocidade em todas as ações, e o tempo para reflexão e leitura profunda parece não se encaixar nas agendas e calendários. Entretanto, a leitura criativa e crítica proposta por Perissé (2004) é uma forma de cada indivíduo adquirir poder sobre sua própria realidade, já que permite a tomada de consciência de discursos e estruturas até então despercebidas.

As ideias propostas pelo autor são, assim, próximas daquilo que encontramos na Análise Crítica do Discurso e na Teoria Social do Discurso de Norman Fairclough (2016²), que relaciona a linguagem à constituição das estruturas sociais, de modo que ambas constituem-se e moldam-se simultaneamente, e busca proporcionar a leitura também dos discursos de maneira reflexiva, seu questionamento e, a partir disso, promover a desconstrução das desigualdades e a mudança social.

Em relação a esse último ponto, nos textos literários, de modo geral, as personagens femininas são descritas de maneira estereotipada, tanto em relação a sua aparência (bonitas e delicadas), quanto em relação às atividades que realizam em seu cotidiano (cuidar da casa, dos filhos, do marido, ou esperar pelo amor que a “salvará”). Tudo isso caracteriza uma imagem da mulher como dependente dos personagens masculinos e implica uma condição de fragilidade e inferioridade em relação a eles.

Há casos, no entanto, em que esse estereótipo é quebrado, no todo ou em parte, e a personagem feminina aparece no lugar de destaque, como heroína de sua

² Para a produção deste trabalho, foi utilizada a edição de 2016 do livro *Discurso e Mudança Social*, de Norman Fairclough, traduzida para o Português. Sua primeira edição, no entanto, foi lançada, em Inglês, em 1992 e sua primeira edição em Português é datada de 2001.

própria história, autônoma, independente, insubmissa e, por isso, muitas vezes considerada desobediente.

Em uma abordagem que aparece no ponto intermediário entre essas representações opostas, aparece Devi, personagem pertencente à trilogia *The Kingkiller Chronicle* (traduzida como *A Crônica do Matador do Rei*), do autor americano Patrick Rothfuss, que contém as obras *The Name of the Wind* (O Nome do Vento) e *The Wise Man's Fear* (O Temor do Sábio), lançados em 2007 e 2011 respectivamente, e *The Doors of Stone* (As Portas de Pedra³), ainda não publicado. A personagem recebe uma descrição física romantizada e dentro do estereótipo do feminino, mas é dona de um poder e de uma forma de se portar profissional e socialmente atribuídos, na maioria das vezes, a personagens masculinos, sendo justamente essa dicotomia em sua representação o que despertou nosso interesse.

Inicialmente, a leitura das obras havia se dado em caráter recreativo e em sua versão traduzida para o Português, devido a uma recomendação de um amigo próximo sobre o autor e as obras. Com o início de um aprofundamento na ACD e em sua maneira de perceber e analisar a linguagem em um Projeto de Pesquisa na universidade cujo objetivo era trabalhar personagens femininas do século XXI, a obra pareceu um objeto de estudo interessante e fonte de material extenso para análise no que diz respeito a esse assunto. Além disso, o uso das obras originais (em Inglês) no Projeto de Pesquisa, tornou possível perceber que discursos o autor – algumas vezes em contraste com o tradutor – colocou em circulação na obra.

A escolha das obras ocorreu, então, pelo fato de elas trazerem poucas personagens femininas e uma delas, Devi, como já dissemos, romper com algumas das ideias tradicionais ligadas a essas personagens. Embora a garota tenha traços do que é considerado como “feminilidade” explícitos em suas descrições físicas, o foco da nossa investigação é exatamente sua caracterização psicológica e moral, a qual apresenta aspectos comumente relacionados, dentro e fora das narrativas literárias, ao universo masculino.

Devi é uma jovem de idade próxima aos 20 anos cuja profissão é a de agiota, tradicionalmente atribuída a homens. Ela é dotada de uma personalidade obstinada e de habilidades mágicas notáveis que a levaram à exclusão do ambiente

³ Tradução nossa.

acadêmico. Em meio a um núcleo de indivíduos detentores de algum tipo de poder em nível hierárquico e mesmo financeiro dominado por personagens masculinos, saltam aos olhos as características de Devi e a posição que ela ocupa na narrativa.

Nesse caso, o uso da Análise Crítica do Discurso (ACD) para observar as características da personagem mostra-se uma fundamentação teórica produtiva, já que incentiva a reflexão frente àquilo que nos é apresentado e tem como objetivo principal explicitar as relações entre linguagem e poder. Neste trabalho, o modelo de análise selecionado para efetuar nosso estudo foi o Modelo Tridimensional de Norman Fairclough (2016).

O uso da ACD e do Modelo de Análise de Fairclough acontece no intuito de analisar os discursos referentes à personagem Devi, tanto no livro *The Name of the Wind*, quanto em *The Wise Man's Fear*, no que se refere ao poder atribuído a ela, assim como às relações de poder decorrentes dele, focando em três aspectos que atribuem poder à personagem: 1) seu nome/apelido (*Demon Devi*), 2) a questão financeira/econômica e 3) sua inteligência e desenvoltura no uso da Simpatia (magia apresentada na obra).

Nossa abordagem visa, por meio da Teoria Social do Discurso e do Modelo Tridimensional de Análise de Fairclough, a observar como o poder aparece na obra ligado à personagem Devi e de que forma ele é tratado, e a delinear quais são os discursos relacionados ao poder que permeiam os fragmentos coletados para análise. Ademais, temos o intuito de investigar como se configuram as relações de poder nas obras, especialmente entre Devi e o personagem principal (Kvothe), e de analisar se Devi mostra quebra na representação do estereótipo feminino no que se refere ao poder conferido às mulheres.

A ACD trata a linguagem como forma tanto de reforçar ideologias, estruturas e discriminações, quanto como meio de promover a quebra de estigmas, a desconstrução dessas estruturas e a igualdade social. Nesse sentido, nossa análise segue o viés de perceber e comprovar, por meio das próprias estruturas gramaticais e unidades léxico-semânticas utilizadas nas obras, se esses discursos que envolvem a personagem em foco trazem a quebra, a reiteração ou uma mescla de ambas as práticas.

Trabalhamos, a partir disso, com previsões de quebra das atribuições tradicionais da mulher, uma vez que a própria posição da personagem na história de

Patrick Rothfuss é atípica no que diz respeito às suas relações profissionais e pessoais com o personagem principal dos livros, Kvothe. Além desse aspecto, também os demais pontos analisados destacam-se por sua novidade: o poder relacionado à inteligência e o poder relacionado ao nome da personagem estão presentes nas relações que ela estabelece com Kvothe e os demais personagens da narrativa. Mesmo se comparada a personagens da própria história de que participa, Devi representa a ruptura com aquilo que é tido pelo senso comum como sendo domínio feminino.

2 As Obras de Patrick Rothfuss e a Personagem Devi

Esta pesquisa enfoca atribuições de poder estereotipadas para homens e mulheres, a partir da análise do poder da personagem feminina Devi, nas obras *The Name of the Wind* e *The Wise Man's Fear*, de Patrick Rothfuss. Nas obras, esse poder aparece relacionado a três aspectos principais: seu nome/apelido (ela é comumente conhecida por *Demon Devi*), sua desenvoltura no uso da Simpatia (um dos tipos de magia presentes nas obras) e sua profissão de agiota, que confere a ela certo poder financeiro e influência na vida de seus clientes.

Patrick Rothfuss é um autor americano publicado pela primeira vez em 2007. Suas obras, *The Name of the Wind* (2007) e *The Wise Man's Fear* (2011) da trilogia *The Kingkiller Chronicle*, pertencem ao gênero ficção fantástica e contam a história de Kvothe, dono de uma hospedaria. O título da trilogia, traduzido para português como *A Crônica do Matador do Rei*, remete ao personagem principal e sua história de vida pouco convencional.

Kvothe recebe um cronista viajante em sua pousada e o salva de uma criatura sombria. O homem, curioso a respeito de seu anfitrião e já conhecendo algumas histórias sobre sua trajetória, pede a ele que narre sua vida. Embora no início relutante quanto a expor-se daquela maneira, o hospedeiro decide contar sua vida em três dias, por isso uma trilogia.

Depois de ficar órfão aos onze anos de idade e conhecer os assassinos de seus pais e de sua trupe de artistas, Kvothe inicia sua trajetória em busca de uma maneira de derrotá-los. Seu primeiro objetivo é, então, entrar na Universidade, a fim de se aperfeiçoar em conhecimentos gerais e em Simpatia, e procurar informações úteis que o ajudem a eliminar os Chandrianos, criaturas fantásticas malignas e matadores de sua família.

O protagonista das obras é apresentado como um rapaz inteligente além do que se considera normal, galanteador, aventureiro, destemido, cheio de talentos e detentor de uma capacidade de sobrevivência singular, frente a todas as dificuldades pelas quais passou até chegar à Universidade, e mesmo depois quando já estava lá. Encontramos, então, um personagem masculino usual nas narrativas literárias.

Cabe ressaltar que, na história contada nas obras, as funções de maior destaque e os papéis de maior influência na vida do protagonista são quase sempre atribuídos a personagens masculinos. Por exemplo, todos os professores da Universidade são homens, o líder da trupe de artistas era seu pai e seu primeiro professor de magia, Abenthy, também foi um homem. Além disso, o número de personagens femininas é reduzido, sem falar que poucas delas recebem descrições mais profundas ou alguma notoriedade.

Duas personagens femininas de *The Kingkiller Chronicle* parecem, no entanto, fugir, ao menos em parte, do estereótipo de fragilidade e submissão feminina: Devi e Auri. Embora outras mulheres presentes na narrativa, como Fela e Mola, sejam descritas como inteligentes e notáveis em suas áreas de conhecimento na Universidade, elas ainda de certa forma ainda se encaixam no padrão “donzela que precisa ser salva”.

Na presente investigação, o foco é Devi. A personagem aparece na narrativa em um momento em que Kvothe se vê vulnerável financeiramente e é obrigado a pedir um empréstimo para garantir o pagamento da taxa de seu período letivo seguinte na Universidade. *Demon Devi*, como a personagem é conhecida, surpreende Kvothe à primeira vista por ser uma mulher na profissão de agiota (tradicionalmente masculina) e pela reputação que possui, de temida e irredutível.

As características da personagem são controversas em uma tradição literária – para não falar em uma sociedade em geral – que define papéis muito específicos para o homem (o provedor) e para a mulher (a donzela frágil e dependente). Em um cenário dominado por personagens masculinos, ver uma forma de poder como o econômico – geralmente associado ao homem – ser conferido a uma mulher destoa do espaço comum e chama a atenção para os discursos que circundam essa personagem.

Embora inicialmente seja atribuído o poder monetário a Devi, fala-se também de seu poder mágico relacionado a conhecimentos teóricos e práticos adquiridos na Universidade, sobretudo suas habilidades em Simpatia. Devi havia sido aluna da Universidade e fora expulsa sob o pretexto de conduta inadequada (*Conduct Unbecoming*, na obra). No entanto, circulava também a versão de que a garota teria sido expulsa por derrotar um professor em um duelo de Simpatia durante uma aula.

Uma mulher jovem e inteligente, vencer um professor publicamente, em um contexto de domínio e “superioridade” masculinos, seria inaceitável.

Após o primeiro empréstimo financeiro, Devi e Kvothe passaram a encontrar-se periodicamente, na maioria das vezes para que ele pagasse o que devia ou fizesse novos empréstimos. Essa dependência atribui, em parte, poder a Devi, da mesma forma que o fazem as condições nas quais realiza os empréstimos a seus clientes: ela exige um pouco de sangue do devedor, sangue que ficará guardado e lacrado até a data de quitação da dívida. Caso o devedor não efetue o pagamento, há duas alternativas: ele pode oferecer bens e informações que sejam valiosos o suficiente para que ela considere a dívida paga ou ela terá o direito de utilizar o sangue que possui para interferir da maneira como preferir na vida do cliente, inclusive vendendo-o a fim de restituir sua perda.

A magia apresentada nas obras, a Simpatia, funciona a partir de ligações. Por exemplo, para fazer uma árvore balançar, é necessário ter um galho ou uma folha retirada daquela árvore e estabelecer conexões mentais entre a parte e o todo, utilizando uma fonte de calor para o corpo manter essas conexões. Assim, o sangue é o elemento mais forte e poderoso para estabelecer a ligação com um indivíduo para fins de magia, sendo possível, inclusive, causar sua morte.

Levados por seus encontros frequentes, Devi e Kvothe desenvolvem uma relação de amizade. Eles encontram-se algumas vezes para discutir sobre os livros que ela empresta a ele – que foi banido do Arquivo (biblioteca) no início de seu período na Universidade –, além dos momentos destinados aos negócios. No entanto, eles têm um desentendimento quando Kvothe se vê vítima de ataques físicos feitos por meio de Simpatia (utilizando um boneco do personagem ao qual foi agregado um fio de cabelo) e é levado a pensar que Devi trocou ou vendeu o sangue que possuía a alguém.

Para que eles reatem sua relação, é necessário que uma amiga em comum faça a mediação e convença Devi a ajudar Kvothe a vingar-se do responsável por seus problemas. Quando esclarecida a situação, eles se unem para derrotar esse inimigo comum, Ambrose, e Devi contribui para que a missão seja bem-sucedida ao realizar, ela mesma, a Simpatia necessária à execução do plano.

Pouco tempo depois, ainda em haver com Devi, Kvothe viaja e pede um prazo mais extenso, de um ano e um dia, para pagar seu último empréstimo, deixando

alguns de seus pertences como garantia. Antes de o prazo expirar, ele volta para a Universidade e procura Devi para sanar sua dívida de maneira definitiva, já que ganhou dinheiro suficiente durante sua viagem para custear sua vida.

Devi inicialmente fica espantada em vê-lo, devido aos boatos de que ele havia sido morto durante as viagens. Ao perceber as intenções de Kvothe, a garota reluta em aceitar seu pagamento final, uma vez que isso poderia significar não fazer mais negócios com o garoto e abrir mão da possibilidade de obter informações e favores dele que, na verdade, importam para ela mais do que o próprio dinheiro do empréstimo.

Ela, por fim, aceita o pagamento e tem uma conversa não muito longa com Kvothe. É a última passagem em que a personagem aparece em *The Wise Man's Fear* (último livro publicado), ponto, portanto, em que cessa a extensão do material da análise feita neste trabalho.

3 Referencial Teórico

O trabalho aqui apresentado baseia-se na Análise Crítica do Discurso (ACD) e fundamenta-se na obra de Norman Fairclough, *Discurso e mudança social* (2016), mais especificamente em sua Teoria Social do Discurso, materializada para fins de análise em seu Modelo Tridimensional.

Para explicitar o referencial teórico utilizado no desenvolvimento desta pesquisa de maneira organizada, as seções abaixo tratam da Análise Crítica do Discurso em um âmbito geral e, depois, do detalhamento tanto da Teoria Social do Discurso como do Modelo Tridimensional de Análise de Norman Fairclough, além de uma reflexão sobre o uso da ACD por parte dos revisores de texto.

3.1 A Análise Crítica do Discurso (ACD)

A Análise Crítica do Discurso (ACD) estuda as relações entre linguagem e poder, analisando como as relações de poder são estruturadas, disseminadas e mantidas por meio da linguagem. Ela parte do princípio de que ambas a mudança social e a manutenção das estruturas de poder dominantes acontecem no discurso, em sua relação e reprodução na sociedade, capaz de mudar ou perpetuar a desigualdade social. Para tanto, considera o discurso como sendo a linguagem em uso, um modo de as pessoas agirem sobre o mundo e especialmente sobre os outros (FAIRCLOUGH, 2016, p. 93).

O objetivo da ACD é, então, desconstruir as bases dessa desigualdade, expondo as ideologias presentes nos discursos naturalizados que a geram para, dessa forma, promover uma mudança, uma vez que o poder de um grupo dominante se apoia em ideologias que reforçam essa desigualdade. Para atingir esse objetivo, a ACD incentiva o questionamento dos discursos e, posteriormente, das construções sociais e da estrutura social como um todo que, até então, eram amplamente aceitas como detentoras de uma verdade irrefutável e irreversível, caracterizadas como naturais.

Assim, voltamos ao principal pressuposto da ACD: a linguagem é capaz de reforçar ou de romper com os discursos que a permeiam a partir do uso que seu

usuário faz deles. Ao dizer que a ruptura com discursos enraizados e naturalizados é uma das vertentes do uso da linguagem de maneira crítica e consciente, abre-se o pressuposto de que a naturalização é construída pelos próprios indivíduos, que não se preocupam em refletir sobre o que reproduzem e de que forma isso os afeta.

A preocupação da ACD é possibilitar que a reflexão sobre os discursos possa acontecer e tornar as pessoas conscientes dos usos desses discursos no âmbito social, quais seus efeitos dentro de um contexto em que os dominados disseminam os discursos que os mantêm nessa posição de subjugados. Isso se dá pela visão constitutiva da linguagem, do discurso e das ações praticadas por meio de ambos – chamadas de “práticas sociais” no Modelo Tridimensional de Fairclough.

O autor propõe em sua obra que “[o] discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem: suas próprias normas e convenções, como também relações, identidades e instituições que lhe são subjacentes.” (FAIRCLOUGH, 2016, p. 95).

É no discurso e pelo discurso que as relações de poder, as estruturas, identidades e convenções sociais se constituem, o que justifica a atribuição da característica constitutiva ao discurso, e é também por meio dele que elas são expressas e representadas.

A ACD fundamenta-se, então, na análise dos discursos circulantes em uma sociedade a partir de uma união da linguagem com a realidade social, considerando o contexto de produção e distribuição dos textos, refletindo sobre os aspectos extratextuais que determinam as interpretações que os leitores fazem de uma obra. Segundo Wodak (2004, p. 225), “(...) a ACD almeja investigar criticamente como a desigualdade social é expressa, sinalizada, constituída, legitimada (...), através do uso da linguagem (ou no discurso)”.

A manutenção das estruturas de poder dominantes ocorre, principalmente, pela disseminação de ideologias em espaços onde os receptores costumam aplicar uma leitura mais automatizada das formas linguísticas, sem, portanto, refletir sobre o conteúdo do que leem. Habermas (*apud* WODAK, 2004, p. 225) ressalta que “a linguagem também é um meio de dominação e força social. Ela serve para legitimar relações de poder organizado”. Além disso, os sujeitos estão expostos o tempo todo a discursos que farão parte de sua constituição discursiva e, portanto de sua identidade.

A visão de mundo desses indivíduos e suas identidades são influenciadas pelos discursos a que se filiaram, visto que a construção dela depende de ideais sociais e culturais. Assim, surge a característica constitutiva da linguagem, que define e é definida por questões ideológicas de forma simultânea (MEURER, 2008, p. 40).

A variação de visões acerca de um mesmo objeto acontece justamente porque os indivíduos constroem representações dele a partir do que conhecem e acreditam. Considerando que as pessoas são um reflexo do meio em que vivem e foram criadas e também das interações que tiveram nele e com ele, suas percepções e interpretações do que as cerca também o são, influenciadas pela carga ideológica desses indivíduos, muitas vezes de maneira inconsciente.

Um exemplo disso são as escolhas vocabulares que fazemos para representar algo ou expressar nossa visão de mundo. Há um leque de opções que podem ser selecionadas no sistema linguístico, seja qual for a língua, que expressarão uma mesma situação. A visão de mundo virá demarcada, no entanto, na opção feita dentro dessas possibilidades, uma vez que é pelas implicações dessa escolha que se fazem notar as ideologias presentes em nossa formação (MEURER, 2008, p. 50).

Os discursos que usamos podem apresentar reforços ou rupturas com ideias naturalizadas dentro de certo contexto devido ao processo de dominação pelo qual eles passaram. A reprodução de determinados discursos, localizada também nesse vocabulário, implica a concordância com as ideias que eles exprimem, consciente ou não, e a não reflexão acerca do que se está dizendo, do seu significado e de suas consequências sociais, seja para si ou para os outros, contribui para a perpetuação de estruturas sociais criadas para manter o poder e a dominação de um grupo sobre outro(s).

Nesse contexto, o acesso à criticidade provém do conhecimento da existência e dos aspectos de outras formas de pensar e agir no mundo, e de que maneira isso afeta as pessoas. A ACD traz essa criticidade no intuito de desvelar a desigualdade social e conscientizar sobre o valor e o poder da linguagem na estrutura social e busca tornar visível que não há apenas uma verdade. Seu intuito é que, a partir disso, a ruptura seja possível no discurso e na sociedade e as estruturas sociais possam ser objeto de mudança, mesmo que lenta e gradual.

Pouco se percebe o caráter atuante da linguagem, tanto sobre o mundo, como sobre os indivíduos, em especial por meio do texto literário, devido ao caráter automático da leitura que se dá a esse tipo de texto. Por esse motivo, a ACD tem a leitura crítica como ferramenta principal, para fazer o leitor perceber e refletir acerca das informações que lhe chegam pela leitura.

Os discursos que permeiam a realidade de uma época são o reflexo da sociedade, pois retratam de que maneira os indivíduos agem por meio da linguagem e suas formas de ver o mundo, estabelecer relações e construir sua identidade. Nesse sentido, a construção de situações, personagens, locais e relações em obras literárias mostra-se um objeto de análise eficaz para ajudar a determinar as ações realizadas por meio do uso de discursos criados para alcançar certo público.

Digno de nota é o fato de que não apenas o reforço dos discursos e práticas acontece por meio do texto, mas também algumas quebras de expectativas relacionadas aos papéis desenvolvidos e à estrutura social dentro e fora das narrativas. As quebras são um elemento admitido em algumas dessas narrativas, uma vez que o leitor, ao iniciar a leitura de um livro de ficção, estabelece um pacto ficcional que o faz não contestar aspectos que fujam à verossimilhança, utilizando a suspensão da realidade como recurso para dar andamento à história. No entanto, muitas vezes, ele não alcança de maneira consciente os discursos que estão sendo passados por meio disso.

Em um cenário de dominação, é raro que os dominados tenham consciência disso, e é justamente esse o foco da ACD: impulsionar a tomada de consciência daqueles que são dominados para a ascensão do pensamento crítico e individual da realidade que os cerca. Por meio dessa consciência, é possível enxergar a linguagem não só como um meio de construção, mas também de resistência (WODAK, 2004).

3.2 A Teoria Social do Discurso

O autor de *Discurso e mudança social*, principal obra que embasa esta pesquisa, Norman Fairclough, criou sua Teoria Social do Discurso e seu Modelo Tridimensional de Análise porque via uma lacuna nos modelos de análise linguística que tentavam abordar o aspecto social utilizando os discursos presentes em textos e

outras situações de uso da linguagem para uma análise linguisticamente orientada. Para ele, seria necessário focar de maneira equilibrada o social e a linguagem, aprofundando ambos, fazendo-o de forma crítica e utilizando-se de meios presentes no texto para comprovar as descobertas do analista em determinada produção.

A Teoria Social do Discurso desenvolvida por Fairclough em sua obra relaciona o discurso, aqui entendido como a linguagem em uso, a dois conceitos principais: ideologia e hegemonia.

A primeira, de acordo com o autor, está presente em todos os discursos e varia de acordo com as condições de produção, distribuição e consumo (interpretação) de um texto. A ideologia é a maneira de representar o mundo de acordo com um conjunto de conhecimentos e crenças do indivíduo proveniente de questões sociais, históricas, culturais, etc.

Fairclough (2016, p. 121-122) apresenta uma definição e três “asserções”. Para ele, ideologias são as formas de construir e significar a realidade. Segundo ele, a ideologia tem existência material, dada a sua presença nos textos e discursos que constituem as práticas discursivas dos indivíduos; ela interpela os sujeitos, de forma a constituir e localizá-los dentro do discurso, algo que o autor considera de suma importância; e os ‘aparelhos ideológicos do estado’, forma como Fairclough denomina as instituições e a mídia, são capazes de determinar o campo onde a luta de classe acontece, seja ela interna ou externa ao discurso.

O autor concebe uma ligação os sentidos e as formas dos textos, no sentido de que a ideologia está presente tanto nas escolhas dos elementos que constituem o texto, como na estrutura na qual ele é construído. No entanto, não é frequente as pessoas terem consciência acerca dos investimentos ideológicos em que consistem suas práticas, dado que elas se baseiam em convenções e ideias naturalizadas, o que leva à possibilidade de pressuporem aquilo como uma verdade sem contestá-la. O autor alerta, ainda, que mesmo práticas de resistência não têm sempre sua constituição transparente para aqueles que as produzem (FAIRCLOUGH, 2016, p. 124).

A hegemonia, por outro lado, é um produto de processos de dominação que ocorrem mediados pela ideologia. Ela é entendida como o poder que uma classe exerce sobre determinado grupo, atingindo questões econômicas, políticas e ideológicas. O poder hegemônico, na sociedade atual, é formado não pela

imposição de ideologias e práticas, mas pela concessão dada pelos indivíduos para que a relação de dominação aconteça e que as relações hierárquicas de poder se solidifiquem e sejam mais ou menos estáveis. A concessão desse poder a um grupo específico por meios ideológicos dá aos indivíduos a sensação de controle da realidade. Isso acontece por meio da naturalização e automatização de discursos que passam a ser vistos como 'senso comum', meio fundamental para estabelecer ideologias nas práticas de maneira implícita (FAIRCLOUGH, 2016, p. 127).

Existem, nesse sentido, lutas hegemônicas entre instituições que tentam assumir o domínio, mas manter a desigualdade e as relações de poder que subordinam os indivíduos dominados (FAIRCLOUGH, 2016, p. 127). Essas lutas se dão por meio do discurso e tendem a manter as relações de poder assimétricas. Em uma visão do discurso como um meio pelo qual lutas e processos de dominação acontecem, trazemos a perspectiva de Foucault (1984, p. 110 apud FAIRCLOUGH, 2016, p. 80) de que “[o] discurso não é apenas o que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas é a coisa para a qual e pela qual a luta existe, o discurso é o poder a ser tomado.”

Assim, o discurso é a materialização das ideologias que geram relações hegemônicas e, portanto, a ferramenta a ser controlada no intuito de estabelecer relações de poder e a dominação social.

Para integrar esses conceitos às práticas discursivas (e ao texto) e chegar à análise, Fairclough atribui papel fundamental à intertextualidade e dedica um capítulo de sua obra para tratar dessa questão. O autor divide a intertextualidade em duas vertentes: a intertextualidade manifesta e a interdiscursividade (intertextualidade constitutiva). A primeira se localiza na superfície do texto e é identificada pela reprodução de elementos e estruturas de outros textos, ou mesmo de partes desses textos dentro de outro marcadas por aspas, por exemplo (p. 142). A interdiscursividade, por sua vez, foca na presença de convenções discursivas originárias de outros textos, estando presente em elementos constitutivos da estrutura do texto, como o sistema de tomada de turno e o vocabulário escolhido.

Fairclough (2016, p. 143) coloca a intertextualidade como um dos fatores com maior responsabilidade sobre a ambivalência dos textos. A ambivalência é o fator que possibilita que textos sejam interpretados pelos intérpretes de modos diferentes

e pode fazer com que se tornem ambíguos quanto a seu conteúdo e às vozes presentes nele.

Por último, o autor relaciona a intertextualidade e as transformações, e atribui à primeira uma organização em cadeias intertextuais de caráter transformacional. As cadeias são compostas por vários textos que transformam uns os outros com certa regularidade e de forma previsível. Essas cadeias intertextuais determinam o ambiente de circulação de um texto, portanto, especificam sua distribuição e tornam previsíveis as transformações pelas quais ele pode passar (FAIRCLOUGH, 2016, p. 173-174).

A coerência entra como parte importante da constituição de textos dos quais participam vários discursos, à medida que o produtor deve construir um todo coerente, embora não necessariamente unitário. É essa coerência que vai permitir que o intérprete realize leituras dentro de uma gama de interpretações possíveis (FAIRCLOUGH, 2016, p. 178).

No caso de obras literárias, a intertextualidade e a interdiscursividade se manifestam criativamente, pois trazem não asserções acerca do discurso, e sim a expressão de textos e discursos por meio de seu arranjo em outros 'indivíduos', personagem, como uma posição política e ideológica deles próprios.

Ocorrem alternâncias do tipo de texto em que o discurso e a ideologia são representados: as convenções sociais reproduzidas nas relações são transferidas para os textos produzidos pelos indivíduos e, assim, para obras literárias que, por vezes, reiteram ou desafiam essa posição ideológica (FAIRCLOUGH, 2016, p. 120).

A mudança social ou a manutenção das estruturas e das relações assimétricas de poder dominantes acontece no discurso, em sua reprodução e interpretação na sociedade. O que determina a ocorrência de um ou a perpetuação dos outros é o comportamento linguístico dos indivíduos que, por sua vez, é determinado pela ideologia.

Vê-se necessário considerar, assim, que “[o]s intérpretes são (...) sujeitos sociais, com experiências sociais particulares acumuladas e com recursos orientados variavelmente para múltiplas dimensões da vida social, e essas variáveis afetam os modos como vão interpretar os textos particulares.” (FAIRCLOUGH, 2016, p. 180). A partir disso, esse sujeito, que interpreta e, simultaneamente, é interpelado

pelo discurso, é capaz de gerar interpretações que concordam ou resistem às convenções e ideologias presentes no texto.

Para alcançar a mudança discursiva e social pretendida por Fairclough, o autor determina que seja necessário problematizar as convenções em atividade e exemplifica isso com as convenções existentes na interação entre homens e mulheres, que se relacionam ao gênero social e ideias do 'senso comum' que sujeitam e localizam uns e outros em papéis sociais específicos. Fairclough (2016, p. 133) indica, ainda, que essa mudança não necessariamente tem a ver com a transformação completa do discurso, mas com transgressões das formas atuais e das fronteiras estabelecidas para elas, a fim de explorar e recombina os elementos discursivos.

3.3 O Modelo Tridimensional de Análise de Norman Fairclough (2016)

A ACD preconiza que a análise de discurso dentro de sua tradição seja feita em duas dimensões: macro e micro. A análise da macroestrutura ('macroanálise') é necessária para que se compreenda o contexto em que o texto foi concebido, sob diversos aspectos específicos relacionados às relações, ideologias, etc. A análise da microestrutura ('microanálise'), por sua vez, aparece para especificar de que maneira o texto em si, com seus elementos e recursos gramaticais, representa discursos e ideologias a partir da macroestrutura. Sendo assim, uma contribui para a constituição da outra e para determinar de que maneira os discursos funcionam sobre o mundo e os indivíduos (FAIRCLOUGH, 2016, p.120).

O Modelo Tridimensional de Norman Fairclough recebe esse nome por descrever uma análise feita a partir de três dimensões de um evento discursivo: a prática discursiva, o texto e a prática social, e os procedimentos de análise são feitos a partir de aspectos que integram cada uma dessas dimensões. As três dimensões, é importante ressaltar, estão interligadas e se influenciam mutuamente, característica que Fairclough (2016, p.105) buscou demonstrar diagramaticamente por meio da seguinte figura:

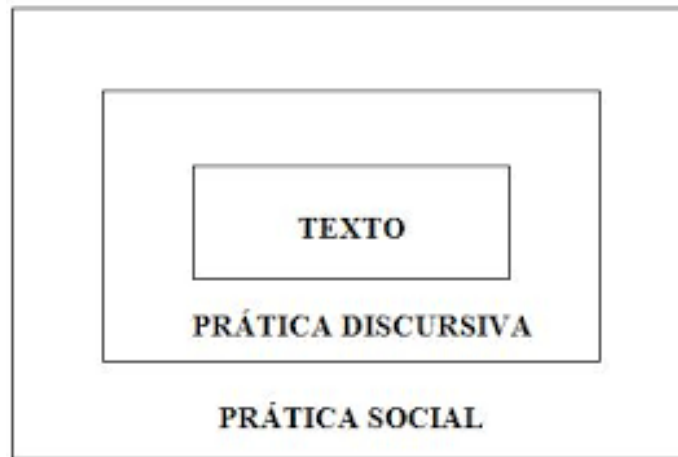


Figura 1 – Concepção tridimensional do discurso

Fairclough, no entanto, ressalta que “(...) não há procedimento fixo para fazer análise de discurso; as pessoas abordam-na de diferentes maneiras (...)” (2016, p. 287). O que o autor estabelece são pontos que podem ser considerados no momento da análise, dependendo da intenção do analista de discurso e do objetivo do projeto que está sendo executado. Sendo assim, não necessariamente todos os pontos de todas as dimensões precisam aparecer de forma extensa na análise, visto que nem todo texto apresentará dados significativos em cada um deles.

Faz-se necessário elucidar com mais exatidão de que tratam essas três dimensões, para explicar a intenção deste trabalho e precisar de que maneira a teoria atua sobre o texto. Para tal, apresento definições de cada uma delas e quais os pontos sugeridos por Fairclough em *Discurso e mudança social* para a análise em cada uma delas.

O texto, falado ou escrito, é o local onde se manifesta o discurso de forma linguística e material. Nele e por meio dele, estão expressos os elementos de diferentes gêneros escolhidos por seu produtor de maneira coerente (ou não), a fim de que seja possível agir sobre o mundo e os outros. O olhar analítico sobre os elementos do texto sempre enfoca duas questões principais, a forma e o conteúdo.

Nesse sentido, é preciso compreender que o texto é o meio pelo qual os discursos circulam e que “(...) os sentidos sociais do texto (bem como as ideologias) não podem ser simplesmente extraídos do texto sem considerar padrões e variações na distribuição, no consumo e na interpretação social do texto.” (FAIRCLOUGH, 2016, p. 52). Esse caráter indissociável é responsável por permitir a compreensão de como os discursos circulam nas estruturas sociais.

Os textos são produtos de textos anteriores aos quais respondem, e também serão respondidos por textos futuros, que formam uma cadeia intertextual. No entanto, eles também são moldados por seus produtores, que se constituem como intérpretes de outros textos e trazem uma bagagem histórica e discursiva, de conhecimentos e crenças que serão refletidos em sua interpretação e nos textos que produzirem. O texto, então, pode estabelecer a intertextualidade ao apresentar traços de outros textos, mas também a interdiscursividade, uma vez que possui elementos de discursos de origens diversas (FAIRCLOUGH, 2016, p. 119).

A ACD estabelece a necessidade de comprovação por meio do texto pelo fato de que ele é “(...) um conjunto de ‘traços’ do processo de produção, ou um conjunto de ‘pistas’ para o processo de interpretação” (FAIRCLOUGH, 2016, p.113). Por essa razão, a teoria considera o texto como um veículo eficiente de conteúdo ideológico, uma vez que a compreensão desses elementos é automática e não crítica, levando à naturalização dos discursos apresentados.

Fairclough (2016, p. 298-302) estabelece a análise do texto pelos seguintes pontos: controle interacional (é importante perceber quem e como as interações presentes no texto são controladas); coesão (de que forma o texto é conectado e que conectivos são usados); polidez (que estratégias de polidez são usadas e como funcionam nas relações entre os participantes); *ethos* (como são construídas as identidades sociais no texto). Além das citadas, ainda se analisa a gramática dos textos, que se subdivide em três outros aspectos: transitividade (se acontece ou não favorecimento de indivíduos por meio da escolha de vozes, tipos de processos, nominalização, metáforas); tema (verificar padrões estruturais na marcação de temas); modalidade (que proposições aparecem ligadas às relações e identidades dos participantes); significado das palavras (se há palavras com significados culturais mais específicos ou que podem variar); criação de palavras (se cria-se algum sentido novo para uma palavra já existente); metáfora (que metáforas são usadas em que contexto). Neste trabalho, porém, observaremos apenas as categorias de controle interacional, polidez, modalidade e metáfora, já que foram elas as que se manifestaram de maneira mais significativa nos textos analisados.

A prática discursiva, por sua vez, é determinada por aspectos discursivos e não discursivos simultaneamente. Ela é o ponto de intersecção e encontro do texto e da prática social. Fairclough (2016, p. 120) afirma que

É devido a sua inter-relação que a dimensão da prática discursiva em minha teoria tridimensional pode mediar a relação entre as dimensões da prática social e do texto: é a natureza da prática social que determina os macroprocessos da prática discursiva e são os microprocessos que moldam o texto.

Nesse sentido, a prática discursiva, colocada em ação no evento discursivo, é a forma como a prática social se manifesta e é, ela mesma, expressa por meio do texto. A veiculação de discursos e a reprodução do que é lido, por meio da prática discursiva, pode ocorrer reiterando o conteúdo e reproduzindo o texto ou contestando-o e propiciando a transformação.

Os itens abrangidos pela prática discursiva na análise são a interdiscursividade, as cadeias intertextuais, as condições da prática discursiva (produção, distribuição e consumo), a intertextualidade manifesta, a coerência (entre as propriedades do texto quanto a sua ambivalência e às inferências requeridas para sua interpretação).

A prática social se localiza na teoria de Fairclough em relação às noções de ideologia e hegemonia, e é descrita como aquilo que o produtor do texto, seja ele falado ou escrito, “faz” com a linguagem. Ou seja, sua essência está na ação que é realizada por meio da linguagem em uma dada situação, utilizando os recursos que ela oferece, tanto gramaticais como discursivos. Ela é, assim, um meio de reprodução ou transformação de ordens do discurso e de relações assimétricas na sociedade.

A análise da prática social acontece focada em desvendar a natureza da prática e de que maneira ela é afetada pela prática discursiva. Fairclough estabelece dois pontos de partida para fazê-la. O primeiro ponto é por meio da matriz social do discurso – para especificar as relações e as estruturas sociais e hegemônicas que agem sobre ele em dada prática discursiva, e de que maneira elas aparecem, se inovadoras, convencionais, opositivas, etc. Em segundo, demarca-se as ordens do discurso projetadas na prática social e discursiva, analisando os efeitos que elas causam, de mudança ou de reprodução.

A prática social é, muitas vezes, interpretada por meio de seu contexto e isso leva à possibilidade de prever determinados significados para o texto e excluir outros que não se encaixam naquela situação. Sendo assim, a interpretação do discurso é realizada considerando o conjunto da prática social de que ele faz parte, da prática

discursiva que o determina e dos traços materiais presentes no texto que o expressa (FAIRCLOUGH, 2016, p. 115).

Fairclough (2016, p. 298) ainda integra dois outros aspectos a serem considerados na análise: a representação discursiva – que investiga de que maneira os discursos estão delineados no texto, se de forma explícita, clara ou se apenas aspectos ideológicos; e as pressuposições – percebendo o que o texto apresenta como uma informação conhecida e verdadeira que deva ser entendida de forma automática pelo intérprete, se são sinceras ou manipulativas.

Para Fairclough (2016, p. 306), o caminho para a análise de discurso deve ser permeado pelo objetivo de promover a prática linguística emancipatória por meio da consciência crítica da linguagem e dos discursos que a permeiam.

3.4 A ACD como contribuição para a prática da revisão de textos

A função do revisor é melhorar a linguagem em uso no texto e fazê-la objetiva e compreensível para quem o lê. A Análise Crítica do Discurso, nesse sentido, se apresenta como uma ferramenta de investigação plausível na formação de revisores, já que visa a identificar discursos na linguagem em uso por meio de suas características linguísticas, relacionando-os à realidade social da época em que o texto é produzido e veiculado.

A leitura feita pelo revisor de textos deve ser crítica, tanto em aspectos formais, como em aspectos semântico-pragmáticos e discursivos. No entanto, isso nem sempre acontece, visto que “(...) a capacidade para leitura crítica, por exemplo, não é distribuída igualmente entre todos os intérpretes em todos os contextos interpretativos.” (FAIRCLOUGH, 2016, p. 180).

Dessa maneira, analisar de modo crítico o texto, literário ou não, é também uma forma de praticar a compreensão e exercitar a criticidade, de forma a perceber o que realmente está presente em um texto.

A ACD mostra-se, então, como uma via de entendimento da sociedade refletida em textos escritos que torna possível a definição dos aspectos sociais, políticos, ideológicos, etc. não explícitos na superfície do texto e muitas vezes invisíveis para o leitor comum.

O revisor de textos, em sua prática profissional, tem como uma de suas atribuições perceber a adequação do texto às suas circunstâncias de uso. Assim, a percepção dos discursos que circundam um texto deve estar presente, a fim de que essa adequação atenda às necessidades do público alvo, da situação de uso e do objetivo final do texto.

4 Metodologia

Esta pesquisa foi realizada em seis etapas. A primeira delas consistiu na escolha das obras trabalhadas, *The Name of the Wind* e *The Wise Man's Fear*. Em seguida, realizamos uma pesquisa bibliográfica para conhecer melhor a teoria da Análise Crítica do Discurso (ACD) e também a obra de Norman Fairclough, *Discurso e mudança social* (2016), embasamento teórico que sustenta nossa análise. A busca por referências bibliográficas estendeu-se ao longo das etapas seguintes, procurando encaixar a teoria na prática de análise da melhor forma possível.

A terceira etapa consistiu na leitura mais detalhada das duas obras literárias escolhidas para conhecer melhor a história e os aspectos formais do texto, a fim de coletar os trechos de onde retiramos os fragmentos analisados. Na quarta etapa do processo, ocorreu a separação pontual e a transcrição de fragmentos que passariam pela análise.

Como quinta parte do trabalho, foi feita a análise dos fragmentos retirados das obras, a fim de definir quais são os discursos relacionados a poder existentes na sociedade atual, atribuídos a um sujeito dependendo unicamente do fato de ser homem ou mulher (tais como a vulnerabilidade feminina frente à força masculina; os tipos de papéis atribuídos a cada um, “isso é de homem” e “isso de mulher”; a necessidade de a mulher ter um homem que lhe traga segurança; o homem como detentor do poder econômico, entre outros).

A análise focou-se em identificar as marcas linguísticas que se fazem presentes nos excertos das obras e o que elas representam em termos discursivos. Assim, nossa análise procurou identificar as práticas sociais e os discursos presentes no texto materializados em itens léxico-gramaticais nele encontrados. As marcas serviram, assim, para comprovar a existência desses discursos e das relações que as obras estabelecem com as estruturas sociais e as relações de poder vigentes na sociedade atual.

Por fim, a sexta etapa compreendeu na escrita do Trabalho de Conclusão de Curso, apresentando os resultados das análises, a partir dos dados linguísticos encontrados no texto, explicando com base na teoria da

ACD como os discursos identificados podem ser recebidos por quem lê tais obras, pensando no público alvo a quem o texto é destinado.

Para concluir esse roteiro metodológico, dividimos o poder da personagem Devi nas obras em três vertentes de poder distintas que aparecem na história: relacionado a seu nome (*Demon Devi*); o poder financeiro/econômico da personagem devido, principalmente, a sua profissão (agiota); e o poder proveniente de suas habilidades no uso da Simpatia.

5 Análises

As análises aqui realizadas se dividem em três tópicos, de acordo com as manifestações do poder de Devi nos livros *The Name of the Wind* e *The Wise Man's Fear*, quais são: nome, financeiro/econômico ligado às relações comerciais e inteligência e habilidades com Simpatia. Para isso, as análises textuais estão divididas nessas três categorias.

Os fragmentos analisados foram retirados de trechos maiores coletados nas obras. No entanto, só estão transcritos os fragmentos de que fazemos uso nesta seção. Para ter acesso aos trechos completos, a fim de obter contextualização dos eventos, é possível encontrá-los no anexo deste trabalho. Eles foram numerados e serão referenciados a partir dessa numeração ao longo da análise.

Em relação à prática discursiva, no que se refere ao aspecto da produção do texto, os livros foram escritos na primeira década do século XXI, quando questões ligadas ao protagonismo da mulher começaram a ter destaque na mídia internacional. Além disso, a presença feminina nas universidades passou a chamar a atenção – basta ver que, segundo o censo de 2006 as mulheres já representavam 60% do corpo estudantil entre 25 e 29 anos das universidades do Canadá⁴ –, fato que, apesar de não estar reproduzido nas obras, reflete-se em uma espécie de “crítica” por parte do autor ao fazer com que Devi seja expulsa exatamente por destacar-se no meio acadêmico. Além disso, em relação à intertextualidade, pode-se dizer que, haja vista a ambientação da trama ocorrer em uma universidade e uma personagem feminina ser dotada de inteligência e habilidades superiores em magia, há uma referência sutil aos livros da série *Harry Potter* e à personagem Hermione Granger. Já quanto à distribuição, mais especificamente em relação às cadeias intertextuais, circula o boato de que a série de livros será transformada em filmes e em jogos futuramente.

Por fim, quanto ao consumo do texto, ou seja, seu público-alvo, os livros são classificados pela editora/livraria Barnes & Nobles no “age group” de 18 anos, o

⁴ Dado obtidos no site Statistics Canada, do governo canadense. Disponível em: <<http://www.statcan.gc.ca/pub/81-004-x/2008001/article/10561-eng.htm>>. Acesso em: 05/02/2018.

que podemos considerar como “Young adults” (Jovens adultos), porém a série é comprovadamente lida por pessoas tanto mais jovens quanto mais velhas do que 18 anos – alcançando, portanto, um público ainda maior do que o previsto pelo autor e os discursos que ali circulam atingindo ainda mais pessoas. Dessa forma, a coerência se dará, dentro de uma gama de leituras e interpretações possíveis, em função tanto da ideologia a que as pessoas que leem se filiam, quanto da idade dessas pessoas.

Em relação a isso, encontramos uma página na *internet*⁵ dedicada à Devi na qual os internautas discutem aspectos de sua personalidade, relações com Kvothe, seu papel na obra, entre outros assuntos. A interpretação que os indivíduos têm da personagem, no âmbito extratextual, também levanta questões como a imposição de papéis intrínsecos a determinados gêneros sociais e torna perceptível a ambivalência dos textos.

Ao ler os comentários na página, é possível notar a contradição nas visões dos leitores das obras de Patrick Rothfuss no que diz respeito à Devi. Alguns subestimam a garota e o poder que ela possui, independentemente da instância, e uma das internautas levanta a questão de esse poder ser menosprezado pelo fato de pertencer a uma mulher.

A discussão dos comentários gira também em torno do nível de importância da personagem na história, a contribuição dela para Kvothe e cria teorias sobre o papel de Devi no livro ainda não lançado, *The Doors of Stone*. Nesse sentido, ocorrem as afirmações e negações desses poder e importância.

Finalmente, quanto às práticas sociais, essas serão mencionadas à medida que se fizerem presentes, materializadas em aspectos do texto, o qual será analisado a seguir segundo as categorias já mencionadas anteriormente.

5.1 Nome

Na primeira vez em que Kvothe recorre a Devi para realizar um empréstimo, ele se refere a ela como um homem, devido à profissão dela de agiota. Considerando os riscos desse tipo de negócio, antes de conhecê-la, Kvothe pensa

⁵ DEVI. The Kingkiller wiki – FANDOM Powered by Wikia. Disponível em: <<http://kingkiller.wikia.com/wiki/Devi>>. Acesso em: 09 jun. 2017.

em como se portar em sua presença. Nesse momento, ele utiliza a frase “I had learned in Tarbean⁶ that the best way to deal with this type of man was to act with confidence and self-assurance.” (ROTHFUSS, 2007, p. 327)⁷.

O nome da personagem não deixa claro o fato de se tratar de uma mulher e, automaticamente, Kvothe atribui essa profissão a um homem (“type of man”). Isso provavelmente está relacionado à prática social que define o homem e não a mulher como detentor do dinheiro na esfera social. Também há que se considerar a relação de perigo existente nesse tipo de negócio, já que agiotas costumam se utilizar de meios violentos para cobrar seus devedores, e o fato de que uma mulher não costuma ser considerada como capaz de fazer uso desses métodos explica a pressuposição de Kvothe.

Já o uso do adjetivo “Demon” para caracterizar a personagem aparece apenas no segundo livro, *The Wise Man’s Fear* (p. 192 e 248), e Kvothe, apesar de conhecer a fama de Devi nos negócios desde o início, não conhecia essa caracterização. Quem o alerta sobre isso é Wilem, seu amigo da Universidade, que, mesmo sem conhecê-la de fato, já era aluno da Universidade quando Devi foi expulsa, e o boato sobre a motivação disso teria sido a prática de “*malfeasance*” (“malfeitoria”) com Simpatia. Assim, a personagem feminina é caracterizada como “demônio” não só por sua aparência física – ela possui cabelos ruivos – como também pelo uso da magia. Cabe ressaltar que essas características são, dentre outras, tradicionalmente utilizadas pela literatura para a “demonização” da mulher, ou seja, para sua caracterização como algo negativo e a ser combatido – se não eliminado.

A ideia de demonização aparece reforçada quando Kvothe é questionado sobre o que pode acontecer no caso de ele não conseguir quitar sua dívida com Devi. Fela, outra personagem feminina, pergunta “What happens if you can’t pay her?”⁸ e é Wilem quem responde prontamente, “Nothing good (...). They don’t call

⁶ Tarbean é uma cidade que fica em *The Four Corners of Civilization* (Os Quatro Cantos da Civilização), mundo em que a história se passa, onde Kvothe morou por alguns anos antes de ir para a Universidade. É uma das maiores cidades e é conhecida por seu aspecto comercial e marcado pelas desigualdades sociais.

⁷ “Em Tarbean, eu aprendera que a melhor maneira de lidar com esse tipo de gente era agir com ar confiante e seguro.” (ROTHFUSS, 2009, p. 319)

⁸ “O que acontece se você não puder pagá-la?” (ROTHFUSS, 2011, p. 249)

her Demon Devi for nothing.”⁹. O desconhecimento de Wilem sobre a personagem dá margem para a demonização de Devi motivada pelo poder que ela possui, não por coisas que ela de fato fez. Dito de outra forma, não se trata de algo concreto, mas efetivamente do discurso que circula sobre ela.

A demonização da personagem é reiterada ainda no uso do adjetivo “impish” (“endiabrado”) em dois momentos no livro *The Name of the Wind* para caracterizar ações de Devi: nos fragmentos “She looked over her shoulder and flashed her impish smile.”¹⁰ (p. 332) e “She gave a look of impish excitement.”¹¹ (p. 404).

No primeiro fragmento, o pronome “her” (dela) atribui a ela essa característica de maneira afirmativa, utilizando o recurso de Pressuposição de que “impish” (“endiabrado”) é uma característica da personagem não apenas naquele momento. No segundo, o adjetivo vem como Modalização de uma emoção expressa pela personagem.

Dessa forma, identifica-se na escolha do nome da personagem – reiterado pelo uso de um adjetivo – um discurso de demonização da figura feminina, demonização essa que decorre apenas do fato de ela possuir poder. Em outras palavras, é reiterado o discurso hegemônico de que uma mulher possuir poder faz com que ela seja algo mau e indesejável.

5.2 Econômico/financeiro

A atribuição do poder econômico – geralmente relacionado ao gênero masculino – a uma personagem feminina na obra, ao contrário do que acontece com o nome de Devi, contesta não somente as estruturas sociais patriarcais dominantes no ambiente extratextual, mas também dentro do texto, uma vez que as lideranças ali são atribuídas sempre a homens. Por exemplo, no ambiente acadêmico todos os “mestres” são homens, e papéis de nobreza e importância são todos dados a homens – como os Condes, os mecenas dos artistas e mesmo os donos de bares, hospedarias, etc.

⁹ “Nada de bom (...). Não é à toa que a chamam de Devi Demônio.” (ROTHFUSS, 2011, p. 249)

¹⁰ “(...) acrescentou, olhando para trás e abrindo seu sorriso travesso.” (ROTHFUSS, 2009, p. 324)

¹¹ “Devi me olhou com ar animado e travesso.” (ROTHFUSS, 2009, p. 394)

O poder econômico/financeiro de Devi se baseia nas relações comerciais que ela estabelece com seus clientes como agiota. Nos livros, esse poder que ela possui sobre Kvothe é reforçado pela própria personagem de maneiras diferentes – o que por si só já é uma quebra de paradigma, já que representa a autoafirmação da mulher como detentora de poder e na posição de domínio da situação.

No trecho da página 328 de *The Name of the Wind* coletado para análise, por exemplo, é possível perceber vários aspectos dessa dominação da personagem em relação ao Kvothe.

Primeiramente, Devi utiliza o que Fairclough chama de Formulação como ferramenta para dar um novo sentido à fala de Kvothe:

“But I’m paying interest on money I don’t really need.”

“No,” she said, meeting my eyes seriously. “You’re paying interest on money you borrowed. That’s the deal.”¹²

Como se pode observar, nesse momento ela muda o sentido do que Kvothe fala para que a representação da realidade seja favorável às condições de negócio impostas por ela, ou seja, ela faz uso do próprio poder da linguagem para manter sua posição dominante.

Em seguida, no mesmo diálogo, Devi faz uso do Controle Interacional, colocando-se como dominante do evento e direcionando-o da maneira como ela deseja. O traço textual que nos permite afirmar isso é o fato de ela interromper Kvothe durante sua fala quando as informações tornam-se impertinentes para ela e ele tenta tomar controle parcial.

“How about two talents?” I said. “Then at the end---“

“Devi waved her hands, cutting me off. “We aren’t bargaining here. I’m just informing you as to the conditions of the loan.” She smiled apologetically. “I’m sorry I didn’t make that clear from the beginning.”¹³

Nessa última fala da personagem, desculpando-se por não ter sido clara sobre as condições para que eles fizessem negócio, ela faz ainda uso da Polidez, a

¹² “- Mas estarei pagando juros por um dinheiro de que não preciso propriamente. / - Não – retrucou ela, fitando-me com um olhar sério. – Estará pagando juros pelo dinheiro que tomou emprestado. A negociação é essa.” (ROTHFUSS, 2009, p. 320)

¹³ “- Que tal dois talentos? Assim, no final... / Devi abanou as mãos, interrompendo-me. / - Isto aqui não é uma barganha. Estou apenas informando as condições do meu empréstimo. – Deu um sorriso escusatório. – Desculpe se não deixe isso claro desde o começo.” (ROTHFUSS, 2009, p. 320)

fim de suavizar sua fala anterior grosseira e rígida. De toda forma, em todos esses trechos ela deixa claro que quem está no controle – quer dizer, quem tem o poder – é ela, já que detêm o poder econômico.

Outro aspecto que chama a atenção para o poder financeiro que Devi exerce sobre Kvothe é o número de vezes, ao longo da história e em ambas as obras, em que o protagonista elenca como prioridade o pagamento de sua dívida com Devi. Mais especificamente, isso acontece dezoito vezes – treze em *The Name of the Wind* e 5 em *The Wise Man's Fear*. Nesses trechos, vários elementos textuais referidos por Fairclough aparecem, entre eles, as metáforas que exemplificamos abaixo.

Nos trechos 7 e 8 (Anexo), o primeiro de *The Name of the Wind* e o segundo de *The Wise Man's Fear*, em dois fragmentos ocorre o uso de metáforas relacionadas a situações de morte para se referir a sua dívida com Devi, fazendo alusão à ideia de que se livrar da dívida era equivalente a livrar-se da morte: “It was like a stay of execution”¹⁴ e “[...] being free of my debt to Devi was like having a great weight lifted off my chest.”¹⁵. O discurso aqui é o de que ter o poder econômico sobre alguém é como ter o poder de vida e morte sobre essa pessoa, mas com a novidade de que ele pertence a uma mulher e é sobre um homem, sendo, além disso, admitido por ele.

A dominação por meio do dinheiro é, então, uma prática social em comum entre a realidade da obra e a realidade social da atualidade, em que os grupos com mais recursos exercem a dominação sobre aqueles menos favorecidos, promovendo a desigualdade social e a assimetria de relações. Por outro lado, como já dissemos, a quebra de paradigma – e provavelmente de expectativa por parte de quem lê – é o fato de que esse discurso se aplica a uma mulher como detentora do poder.

5.3 Inteligência e habilidades em Simpatia

¹⁴ “Foi como o adiamento de uma execução.” (ROTHFUSS, 2009, p. 366)

¹⁵ “(...) me livrar da minha dívida com a Devi tinha sido como retirar um grande peso do peito.” (ROTHFUSS, 2011, p. 47)

O poder de Devi relacionado à inteligência e as suas habilidades em Simpatia aparece em dois trechos da obra de maneira bastante marcada. A primeira delas é durante uma briga com Kvothe, em que ela revela o motivo de sua expulsão da Universidade (trecho 9 no Anexo): ela teria vencido um professor em um duelo de Simpatia. Devi explicita, nesse momento, que os mestres a teriam expulsado por medo de uma mulher, ainda em uma categoria baixa de aprendiz na Universidade, que conseguia se equiparar a um deles: “They feared a woman who could match a master by her second year”¹⁶. Interessante observar o uso de “fear” para a relação entre homens hierarquicamente superiores e uma mulher, já que as práticas sociais tradicionais consagram o inverso. O resultado, por outro lado, é a reiteração do esperado: a punição para essa “transgressão” é a expulsão da personagem da Universidade com a utilização de um falso pretexto.

Devi usa o argumento de sua expulsão por ser superior em magia enquanto Kvothe tenta paralisá-la utilizando Simpatia durante uma briga entre os dois que, ao final, ela vence. Apenas pelo conteúdo que essa revelação traz já é possível identificar um discurso de intolerância em relação a uma superioridade feminina, nesse caso em termos de inteligência e de habilidade – ainda que mágica. Entretanto, nesse momento está presente também a questão da relação de poder entre ela e Kvothe, e mesmo ela tendo derrotado o rapaz no duelo de Simpatia, ele hesita em reconhecer a superioridade dela.

Isso pode ser percebido no trecho 10, quando Kvothe diz que “[...] Devi happens to be one of the handful of people I suspect might be a better sympathist than me”¹⁷. Podemos observar aqui a presença de dois itens lexicais que demonstram essa hesitação de Kvothe em admitir que Devi é superior a ele no uso da Simpatia: o personagem usa “might” (talvez) como modalizador para demarcar essa superioridade como hipotética, e “suspect” (suspeito) demonstra a hesitação de Kvothe ao não afirmar categoricamente que Devi é melhor do que ele com Simpatia. Aparece, então, a prática social de resistência do poder localizado nas mãos de uma

¹⁶ “Eles tiveram medo de uma mulher que, no segundo ano, já era capaz de se equiparar a um mestre.” (ROTHFUSS, 2011, p. 219)

¹⁷ “Além do mais, Devi está entre o punhado de pessoas que desconfio que possam ser simpatistas melhores do que eu.” (ROTHFUSS, 2011, p. 256)

mulher, assim como de contestação de sua superioridade, em especial em termos de inteligência e habilidade prática, mesmo frente a evidências disso.

Dessa forma, percebe-se a presença de um conflito de discursos: por um lado, há o poder da inteligência e da habilidade em Simpatia nas mãos de uma mulher – e não só isso: ela é superior nisso em relação aos homens, inclusive aqueles superiores hierarquicamente. Por outro, ela é “punida” por ter esses poderes e eles não são admitidos nem por alguém que, evidentemente, como o duelo prova, é inferior a ela no que se refere a tais poderes. Com isso, ainda que haja a circulação de um novo discurso, favorável à mulher, este é contrabalançado por outros que perpetuam a posição da mulher como menos inteligente e menos capaz do que o homem – portanto, inferior a ele.

6 Considerações Finais

A investigação linguística feita por meio das categorias que Fairclough (2001/2016) propõe em seu Modelo Tridimensional de Análise sobre a personagem Devi em *The Name of the Wind* e *The Wise Man's Fear* permite perceber a relação entre os ambientes intratextual e extratextual ao delinear discursos comuns entre eles.

A veiculação de discursos em obras literárias – no caso de nossa análise, aqueles ligados às relações de poder – é uma constante quase imperceptível a leitores não críticos. É interessante poder aprofundar esse entendimento e compreender esses discursos, assim como de que maneira eles funcionam na sociedade. O próprio local onde essa parte da história acontece – a Universidade – já é carregada de discursos advindos de uma longa predominância do homem nesse meio, sem mesmo considerar a presença da mulher.

O papel desempenhado pela personagem na narrativa, como pudemos ver na análise, é uma contestação de alguns desses discursos que atribuem poderes diversos a homens, tanto no ambiente acadêmico, quanto na sociedade em geral. Ainda assim, esses estigmas aparecem reiterados por meio de discursos de superioridade masculina, mesmo que não justificada, como no caso do poder de Devi relacionado a sua inteligência e habilidades em *Simpatia*.

A análise que aqui realizamos se dá no intuito de destacar esse caráter do texto literário e de tornar perceptíveis como esses discursos podem ser entendidos externamente e interpretados. Para atingir esse objetivo, utilizamos pontos específicos de ocorrência no texto, como as modalizações, metáforas, formulações, pressuposições entre outros recursos atuam, não somente no texto, mas nos intérpretes desse texto e, como consequência, na sociedade.

Atingir a mudança social proposta por Fairclough (2016) também depende de identificar esses discursos veiculados em obras literárias, de ler criticamente e ter a possibilidade de refletir acerca dos discursos que, muitas vezes, são constituídos por elementos que buscam a manutenção de estruturas, relações, identidades e, por isso, de domínio social hegemônico.

A orientação crítica da linguagem, embora não tão percebida pelos indivíduos, é um ambiente de lutas e de reprodução ou contestação da realidade social em que vivemos. À medida que os indivíduos buscarem a consciência dos discursos e das relações, normalmente assimétricas, que são perpetuadas pelos textos aos quais se tem acesso, essa contestação e a mudança social ganham condições de continuidade.

Devi é apenas uma das representações que, como pudemos ver, carrega esses discursos em sua caracterização, em sua profissão e relações. Ela é um reflexo de como as mulheres são entendidas por uma parcela da sociedade e, ao mesmo tempo, uma construção e reforço de alguns dos discursos limitantes que permeiam o gênero feminino nos tempos atuais, provenientes de outras épocas.

Nesta pesquisa, buscamos demonstrar de que maneira esses processos discursivos acontecem e podem ser entendidos, a fim de tornar visíveis partes das estruturas sociais dominantes e de que forma a mulher é vista e tratada em ambientes como o acadêmico e o comercial. Também foi nossa intenção incentivar o uso da Análise Crítica do Discurso, no intuito de que, cada vez mais, torne-se possível desvelar as desigualdades sociais e agir para desfazê-las.

Referências Bibliográficas

Barnes & Nobles. **The Name of the Wind**: The Name of the Wind (Kingkiller Chronicle Series #1) – Product Details. Disponível em: <[https://www.barnesandnoble.com/w/name-of-the-wind-patrick-rothfuss/1100178957?ean=9780756405892#/>. Acesso em: 10 out. 2017.](https://www.barnesandnoble.com/w/name-of-the-wind-patrick-rothfuss/1100178957?ean=9780756405892#/)

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2016.

MEURER, J. L.; DELLAGNELO, A. K. **Análise do Discurso**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

PERISSÉ, Gabriel. **O Leitor Criativo**. 3. ed. São Paulo: Ômega, 2004.

ROTHFUSS, Patrick. **O Nome do Vento**. Tradução: Vera Ribeiro. São Paulo: Arqueiro, 2009.

_____. **O Temor do Sábio**. Tradução: Vera Ribeiro. São Paulo: Arqueiro, 2011.

_____. **The Name of the Wind**. Nova Iorque: DAW Books, 2009.

_____. **The Wise Man's Fear**. Nova Iorque: DAW Books, 2011.

WODAK, Ruth. Do que trata a ACD – Um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos. **Linguagem em (Dis)curso** – LemD, Tubarão, v. 4, p. 223-243, 2004.

Obras consultadas

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

HEBERLE, Viviane M. Critical Reading: Integrating Principles of Critical Discourse Analysis and Gender Studies. **Ilha do Desterro**, Florianópolis, n. 38, p. 115-138, jan./jun. 2000.

PERES, Bianca Rosa. **Análise crítica de portas de banheiro como espaço discursivo em um debate político-social**. 2016. 85 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2016.

Anexo

Transcrições dos trechos de *The Name of the Wind* e *The Wise Man's Fear* e suas traduções

Nome:

1.

<i>The Name of the Wind</i> – P. 327-328	<i>O Nome do Vento</i> – P. 319
<p>I had learned that Devi was the person anyone could ask for a loan, no matter how desperate the circumstances.</p> <p>(...)</p> <p>I hesitated in front of the heavy door, looking down into the alley. I was about to become involved in dangerous business.</p> <p>(...)</p> <p>But I didn't have any better options. I took a deep breath, squared my shoulders, and knocked on the door.</p> <p>I wiped my sweaty palms against my cloak, hoping to keep them reasonably dry for when I shook Devi's hand. <u>I had learned in Tarbean that the best way to deal with this type of man was to act with confidence and self-assurance.</u> They were in the business of taking advantage of other people's weakness.</p> <p>I heard the sound of a heavy bolt being drawn back, then the door opened, revealing a young girl with straight, strawberry-blond hair framing a pixielike face. She smiled at me, cute as a new button. "Yes?"</p> <p>"I'm looking for Devi," I said.</p> <p>"You've found her," she said easily. "Come on in."</p> <p>(...)</p> <p>"Please," she said, gesturing to the desk. "Have a seat."</p> <p>She settled herself behind the desk, folding her hands across the top. The way she carried herself made me rethink her age. <u>I'd misjudged her because of her small size, but even so, she couldn't be much older than her early twenties, hardly what I had expected to find.</u></p>	<p>Eu fora informado de que Devi era a pessoa a quem qualquer um podia pedir empréstimos, por mais aflitivas que fossem suas circunstâncias.</p> <p>(...)</p> <p>Hesitei diante da porta pesada que dava par a viela. Estava prestes a me envolver num negócio perigoso.</p> <p>(...)</p> <p>Mas não tinha nenhuma opção melhor. Respirei fundo, empertiguei os ombros e bati à porta.</p> <p>Enxuguei as palmas das mãos suadas na capa, torcendo para mantê-las razoavelmente secas na hora de apertar a mão de Devi. <u>Em Tarbean, eu aprendera que a melhor maneira de lidar com esse tipo de gente era agir com ar confiante e seguro.</u> O negócio deles era tirar proveito da fraqueza alheia.</p> <p>Ouvi o som de uma tranca pesada sendo levantada e a porta se abriu, revelando uma moça de cabelo liso, louro-avermelhado, que emoldurava um rosto de fada. Ela sorriu para mim, linda como um botão em flor.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Pois não? - Estou procurando Devi. - Já a encontrou – disse a jovem, descontraída. – Vamos entrando. <p>(...)</p> <ul style="list-style-type: none"> - Sente-se, por favor – disse a moça, apontando para a escrivaninha. <p>Instalou-se atrás dela e cruzou as mãos sobre o tampo. Seu jeito de se portar me fez reconsiderar sua idade. <u>Eu a avaliara mal por causa do porte miúdo, mas, ainda assim, ela não poderia ter muito mais de 20 e poucos anos – o que estava longe de ser o que eu esperava encontrar.</u></p>

2.

<i>The Wise Man's Fear</i> – P. 192	<i>O Temor do Sábio</i> – P. 195
<p>“Wait,” Wilem said suddenly, holding up his hand. “Did you say, your...” He paused, struggling to remember the appropriate word in Aturan. “Your loaner, your <i>gatessor</i> was named <i>Devi</i>?” His Cealdish accent was thick around her name, so it sounded like “David.”</p> <p>I nodded. This was the reaction I’d expected.</p> <p>“Oh God,” Simmons air, aghast. “You mean Demon <i>Devi</i>, don’t you?”</p> <p>I sighed. “So you’ve heard of her.”</p> <p>“Heard of her?” Sim said, his voice going shrill. “She was expelled during my first term! It left a real impression.”</p> <p>Wilem simply closed his eyes and shook his head, as if he couldn’t bear to look at someone as stupid as me.</p> <p>Sim threw his hands into the air. “She was expelled for malfeasance! What were you thinking?”</p> <p>“No,” Wilem said at Simmon. “She was expelled for Conduct Unbecoming. There was no proof of malfeasance.”</p>	<p>- Espere aí – disse Wilem de repente, levantando a mão. – Você disse que o seu... – fez uma pausa, esforçando-se para lembrar a palavra apropriada em aturano – que a pessoa que lhe emprestou dinheiro, seu <i>gatessor</i>, se chamada <i>Devi</i>? – Seu sotaque ceáldico ficou carregado ao proferir o nome dela, que soou como “Deivid”.</p> <p>Confirmei com a cabeça. Essa era a reação que eu havia esperado.</p> <p>- Ai, meu Deus! – disse Simon, alarmado. – Você está falando da <i>Devi Demônio</i>?</p> <p>Dei um suspiro.</p> <p>- Então, vocês já ouviram falar dela.</p> <p>- Ouvimos falar? – disse Simmon, cuja voz foi ficando estridente. – Ela foi expulsa no meu primeiro período! Deixou uma impressão e tanto.</p> <p>Wilem simplesmente fechou os olhos e balançou a cabeça, como se não suportasse olhar para alguém tão estúpido como eu.</p> <p>Simmon levantou as mãos e disse:</p> <p>- Ela foi expulsa por malfeitoria! O que deu na sua cabeça?</p> <p>- Não – disse Wilem. – Ela foi expulsa por Conduta Imprópria. Não houve comprovação de malfeitoria.</p>

3.

<i>The Wise Man's Fear</i> – P. 248	<i>O Temor do Sábio</i> – P. 249
<p>“<i>Devi</i> used to be a member of the Arcanum,” I explained. “I gave her some of my blood as collateral for a loan at the beginning of the term. (...)”</p> <p>(...)</p> <p><u>Fela tilted her head to one side.</u></p> <p><u>“What happens if you can’t pay her?”</u></p> <p><u>“Nothing good,” Wilem said darkly. “They don’t call her Demon <i>Devi</i></u></p>	<p>- A <i>Devi</i> foi membro do Arcanum – expliquei. – Eu lhe dei algumas gotas do meu sangue como garantia de um empréstimo feito no início do período.</p> <p>(...)</p> <p><u>Feila inclinou a cabeça de lado.</u></p> <p><u>- O que acontece se você não puder pagá-la?</u></p> <p><u>- Nada de bom – disse Wilem,</u></p>

for nothing.”	em tom sinistro. – Não é à toa que a chamam de <u>Devi Demônio</u> .
---------------	--

4.

<i>The Name of the Wind</i> – P. 332	<i>O Nome do Vento</i> – P. 324
Devi opened the door and smiled. “Well now, I honestly didn’t think I’d see you again. Come in.” She bolted the door behind me and walked over to her desk. “I can’t say I’m disappointed, though.” She looked over her shoulder and flashed her <u>impish</u> smile. “I was looking forward to doing a little business with you.”	Devi abriu a porta e sorriu. - Ora,ora, sinceramente, não pensei que voltasse a vê-lo. Entre – disse, trancando a porta atrás de mim e se dirigindo à <u>escrivadinha</u> . – Mas não posso dizer que esteja desapontada – acrescentou, olhando para trás e abrindo seu sorriso <u>travesso</u> . Depois sentou-se e completou: - Eu estava ansiosa para fechar um negocinho com você.

5.

<i>The Name of the Wind</i> – P. 404	<i>O Nome do Vento</i> – P. 394
I laid two talents on the desk and slid them toward her. “Do you mind a question?” She gave me a look of <u>impish</u> excitement. “Is it inappropriate?”	Pus dois talentos na mesa e os empurrei para ela. - Você se importa se eu fizer uma pergunta? Devi me olhou com ar animado e <u>travesso</u> . - É imprópria?

Econômico/financeiro:

6.

<i>The Name of the Wind</i> – P. 328	<i>O Nome do Vento</i> – P. 320
“But I’m paying interest on money I don’t really need.” “No,” she said, <u>meeting my eyes seriously</u> . “You’re <u>paying interest on money you borrowed</u> . That’s the deal.” “How about two talents?” I said. “Then at the end---” Devi waved her hands, cutting me off. “We aren’t bargaining here. I’m just informing you as to the conditions of the loan.” She <u>smiled apologetically</u> . “I’m sorry I didn’t make that clear from the <u>beginning</u> .”	- Mas estarei pagando juros por um dinheiro de que não preciso propriamente. - Não – <u>retrucou ela, fitando-me com um olhar sério</u> . – <u>Estará pagando juros pelo dinheiro que tomou emprestado</u> . A negociação é essa. - Que tal dois talentos? <u>Assim, no final...</u> Devi abanou as mãos, interrompendo-me. - Isto aqui não é uma barganha. Estou apenas informando as condições

<p>I looked at her, the set of her shoulders, the way she met my eyes. “Okay,” I said, resigned. “Where do I sign?”</p>	<p>do meu empréstimo. – <u>Deu um sorriso escusatório. – Desculpe se não deixe isso claro desde o começo.</u></p> <p>Olhei-a, observando a postura de seus ombros, o jeito como enfrentava meu olhar.</p> <p>- Está bem – respondi, resignado. – Onde eu assino?</p>
---	--

7.

<i>The Name of the Wind</i> – P. 376	<i>O Nome do Vento</i> – P. 366
<p>I slid seven talents into my pocket and felt great weight left from my shoulders. <u>It was like a stay of execution.</u> Perhaps literally, as I had no idea how Devi might have encouraged me to pay my debt.</p>	<p>Guardei sete talentos no bolso e senti um grande peso sair de meus ombros. <u>Foi como o adiamento de uma execução.</u> Talvez literalmente, já que eu não fazia idéia de como Devi poderia me incentivar a quitar minha dívida. [sic]</p>

8.

<i>The Wise Man’s Fear</i> – P. 43	<i>O Temor do Sábio</i> – P. 47
<p>That had taken six talents, but <u>being free of my debt to Devi was like having a great weight lifted off my chest.</u></p>	<p>Especificamente, eu tinha pago à usurária com quem fizera um empréstimo. Isso me custara seis talentos, <u>mas me livrar da minha dívida com a Devi tinha sido como retirar um grande peso do peito.</u></p>

Inteligência/habilidade em Simpatia:

9.

<i>The Wise Man’s Fear</i> – P. 215	<i>O Temor do Sábio</i> – P. 219
<p>Devi went motionless as stone, and she chuckled deep in her throat, grinning. “Oh you’re very good. I almost believe the stories about you now. But what makes you think you can do what even Elxa Dal couldn’t? <u>Why do you think they expelled me? They feared a woman who could match a master by her second year.</u>”</p>	<p>Devi ficou imóvel como uma pedra e deu um risinho guttural, que se alargou num sorriso.</p> <p>- Você é <i> muito </i>bom. Chego quase a acreditar nas histórias a seu respeito. Mas o que o leva a supor que pode fazer o que nem o Elxa Dal conseguiu? <u>Por que acha que me expulsaram? Eles tiveram medo de uma mulher que, no segundo ano, já era capaz de se equiparar a um mestre.</u></p>

10.

<i>The Wise Man's Fear</i> – P. 255	<i>O Temor do Sábio</i> – P. 256
<p>Devi waved me away. "I know my business."</p> <p>I made a half bow. "I leave it in your capable hands."</p> <p>"That's it?" Mola demanded indignantly. "You lectured me for an hour! You <i>quizzed</i> me!"</p> <p>"There isn't time," I said simply. "And you'll be here to coach her if need be. <u>Besides, Devi happens to be one of the handful of people I suspect might be a better sympathist than me.</u>"</p> <p>Devi gave me a dark look. "Suspect? I beat you like a red-headed stepchild. You were my little sympathy hand puppet."</p> <p>"That was two span ago," I said. "I've learned a lot since then."</p>	<p>Devi me despachou com um aceno.</p> <p>- Conheço o meu ofício. Fiz uma meia mesura.</p> <p>- Deixo o assunto em suas mãos competentes.</p> <p>- É só isso? – perguntou Moula, indignada. – Você me deu um sermão de uma hora! Você me fez um <i>questionário</i>.</p> <p>- Não há tempo – respondi, com simplicidade. – E você estará aqui para instruí-la se for preciso. <u>Além do mais, Devi está entre o punhado de pessoas que desconfio que possam ser simpatistas melhores do que eu.</u></p> <p>Devi lançou-me um olhar sinistro.</p> <p>- Desconfia? <u>Eu lhe dei uma surra como se você fosse um enjeitado!</u> Você foi meu fantochinho de simpatia.</p> <p>- Isso foi há duas onzenas – retruquei. – Aprendi muito de lá pra cá.</p>